

FAGULHA



EDIÇÃO N°16

@FAGULHA_JORNAL

18 DEZEMBRO 2025

PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

O estudo da filosofia exige muita leitura, sendo necessário ler e reler inúmeros textos filosóficos para a fundamentação do pensar, mas não é apenas desse tipo de texto “técnico” que vive o estudante. A literatura e a filosofia são muito mais próximas do que imaginamos, como podemos notar ao ler a obra Poética, de Aristóteles: “A ação de mimetizar se constitui nos homens desde a infância, e eles se distinguem das outras criaturas porque são os mais miméticos e porque recorrem à mimese para efetuar suas primeiras formas de aprendizagem, e todas se comprazem com as mimeses realizadas”. A literatura é importante na vida de qualquer um, mas, para quem deseja se aventurar nos estudos da filosofia, ela se faz indispensável. Na literatura,



a experiência estética se apresenta como uma outra maneira de se compreender e se relacionar com o mundo. A literatura revela, uma gama de possibilidades e expressões que, por muitas vezes, ficam escondidas sob a limitação de uma comunicação técnica. São em obras como Grande Sertão: Veredas se pode dar tão tocante resposta sobre o amor e a vida; na experiência estética da literatura de Euclides da Cunha se pode demonstrar tão eficientemente a imensidão e a aridez do espírito brasileiro. A literatura, assim como a filosofia, trabalha com temas que atingem qualquer sujeito, assuntos como a morte, a ética, a política e outros mais. Mas é na literatura que muitos desses conceitos podem ser experienciados. Autores: Flávia Janaína, Bruno Soares, Luís Nizer.

"A FILOSOFIA EXIGE MUITA
LEITURA PARA A
FUNDAMENTAÇÃO DO PENSAR"

FAGULHA



EDIÇÃO N°16

@FAGULHA_JORNAL

18 DEZEMBRO 2025

OLHAR POPULAR

Perguntar “o que você é?” costuma significar, quase automaticamente, perguntar “com o que você trabalha”. O trabalho virou um atalho para a identidade: ter uma profissão seria ter um lugar no mundo, um modo de ser reconhecido e de se reconhecer. Durante muito tempo, essa lógica pareceu fazer sentido, sustentada pela promessa de estabilidade, progresso e dignidade. Hoje, porém, ela já não se sustenta da mesma forma. O trabalho tornou-se instável, fragmentado e exaustivo, e a identidade a ele atrelada também se fragiliza. Karl Marx já alertava que, quando reduzido à lógica da produtividade, o trabalho aliena o sujeito de si mesmo. Hannah Arendt também distinguiu o labor necessário à sobrevivência das ações que dão sentido à vida comum. Ainda assim, seguimos medindo pessoas por desempenho, metas e resultados, como se fôssemos empresas ambulantes, como se nosso documento



personal fosse o CNPJ e não o CPF. Ailton Krenak aprofunda essa crítica ao questionar a obsessão produtivista das cidades modernas, que transformam a vida em corrida e o tempo em mercadoria. Para ele, essa lógica nos afasta da experiência de viver e de nos relacionarmos com a Terra e com os outros. Talvez seja hora de perguntar menos “o que você faz?” e mais “como você vive?”, deslocando o valor da produtividade para a dignidade da existência. Lembrando-nos sempre da afirmação de Pepe Mujica: quando você vai comprar algo, não paga com dinheiro, paga com um tempo de sua vida que teve que gastar para ter esse dinheiro. Autores: Guilherme Ferreira Lopes, Samuel Cardoso.

FAGULHA



EDIÇÃO N°16

@FAGULHA_JORNAL

18 DEZEMBRO 2025

FOGO OU FUMAÇA?

“Ninguém mais quer trabalhar” é uma das frases que circulam nos dias atuais. Fogo ou fumaça? O trabalho demasiadamente longo, exaustivo e sugador chegou a um ponto tal que os trabalhadores submetidos à escala 6x1 clamam por mais um dia de descanso. Os opressores dizem: “Isso vai acabar com a economia”. É o mesmo tipo de afirmação utilizada quando, no Brasil Império, os abolicionistas defendiam o fim da escravidão, ou quando, em 1962, foi criada a Lei nº 4.090, que garantiu a todo trabalhador com carteira assinada o 13º salário. Dignidade, direito de ir e vir, tempo mínimo com a família - tudo isso sempre é interrompido por longas jornadas de trabalho, restando apenas um dia para descansar, ir ao médico, cuidar da família ou, para quem tem filhos, participar de reuniões escolares. Muitas vezes, o trabalhador sequer

cpode adoecer, pois, segundo o patrão, isso seria “corpo mole”. Ter dignidade não é “não querer trabalhar”, mas sim ter o mínimo direito ao descanso e ao cuidado com a saúde. Afinal, o trabalho regido pela CLT é o que sustenta a economia, é o que garante comida na mesa. Se, nas festas de fim de ano, é possível comprar presentes em cima da hora ou dar aquela escapadinha da ceia de Natal para adquirir algo esquecido, é porque há alguém trabalhando para garantir que você tenha um Feliz Natal. É preciso garantir o mínimo de dignidade e respeito àqueles que fazem tudo acontecer. Portanto, a frase inicial é fumaça. Autores: Nathieli Schier, Thiago Stadler, Jean Tavares.

ESCALA 6X1 É DESUMANA
ESCALA 6X1 É DESUMANA
ESCALA 6X1 É DESUMANA

FAGULHA



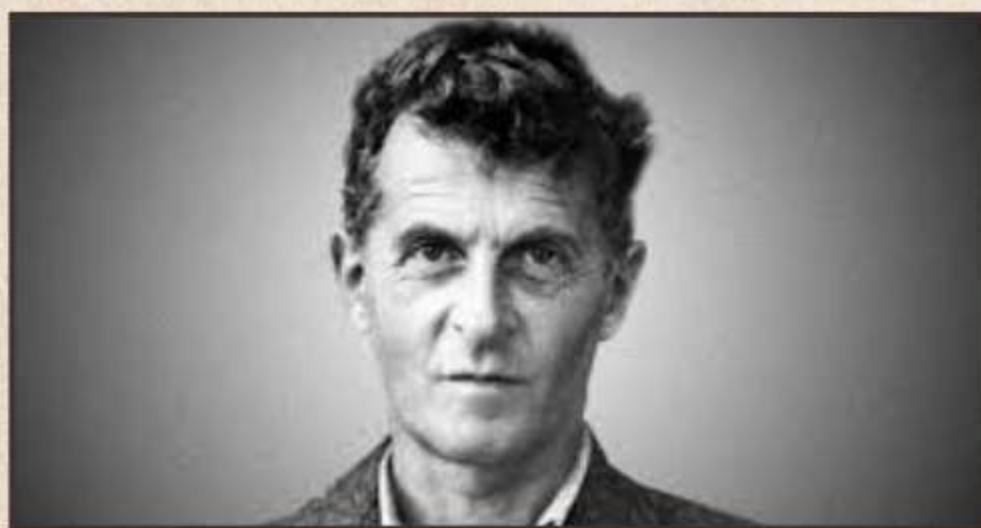
EDIÇÃO N°16

@FAGULHA_JORNAL

18 DEZEMBRO 2025

VOCÊ CONHECE?

Bertrand Russell, em meados de 1913, teve em sua sala seu mais novo aluno, do qual se perguntava: “estava lidando com um excêntrico ou um homem de gênio?”. Tratava-se de Ludwig Wittgenstein (1889-1951) que, curiosamente, estudava aeronáutica, demonstrando seu interesse pelas questões da matemática. Certa vez, ele entregou um texto para Russell; este, impressionado com seus escritos, fez questão de adentrá-lo no mundo da filosofia. Não se tornou apenas um filósofo qualquer, mas um dos pensadores mais importantes do século XX. Wittgenstein tinha fortes depressões; durante longos anos de sua vida, raros eram os momentos em que não pensava em suicídio. Quando foi para Cambridge, a fim de estudar filosofia com Russell, a relação de uma “quase amizade” e de estudo mostrou um caráter de salvação. Ao se encontrar na lógica, Wittgenstein fizera



descobertas nesse campo, sendo uma delas a delimitação da linguagem. “Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo”, disse ele. Tendo o mundo como a totalidade dos fatos, as experiências e os pensamentos estão delimitados no âmbito da linguagem. Para Wittgenstein, essa delimitação não detém uma essência metafísica da palavra, mas diz respeito à sua função prática, além de um conjunto de jogos de linguagem que englobam um contexto e facilitam nosso entendimento para com o mundo. Sua conclusão? A linguagem não apenas reflete o mundo, mas o estrutura e o possibilita. Autores: Giorgia Paula e Silva de Lima, Caique Augusto Zalevski.

FAGULHA



EDIÇÃO N°16

@FAGULHA_JORNAL

18 DEZEMBRO 2025

LABIRINTO



OBEDECER

SERVIR

PODER



É SÓ SEGUIR A LEI

NÃO HAVIA OUTRA
ALTERNATIVA

TEM QUE ENTRAR NA LINHA MESMO

RESPONDA:

- QUEM FALA ESSAS FRASES?
- QUEM DEVE OBEDECER E SERVIR?
- O QUE ESSAS FRASES TENTAM FAZER VOCÊ ACEITAR?

AUTOR:
THIAGO
STADLER.

FAGULHA



EDIÇÃO N°16

@FAGULHA_JORNAL

18 DEZEMBRO 2025

ARRUAÇA

A série Ângela Diniz: Assassinada e Condenada, disponível na HBO, expõe de forma contundente como o machismo atravessa a justiça e o olhar social. Ao reconstituir o caso, a narrativa evidencia que a vítima foi julgada por seus comportamentos, escolhas afetivas e modos de vida, e não pelo crime que sofreu. O tribunal, longe de se limitar à apuração dos fatos, tornou-se um espaço de avaliação moral da mulher assassinada, deslocando a responsabilidade do agressor para a conduta da vítima. Revela-se, assim, uma cultura jurídica e social que naturaliza a violência masculina e transforma a mulher em ré de sua própria morte. A série mostra como discursos morais, travestidos de argumentos jurídicos, foram mobilizados para sustentar a tese da “legítima defesa da honra”, expondo a profunda convivência entre estruturas legais e valores patriarcais. Não se

s trata de um erro isolado, mas de um sistema que historicamente opera pela culpabilização feminina e pela relativização da violência quando o agressor é um homem. Assistir à série é confrontar estruturas históricas de desigualdade de gênero que ainda moldam decisões judiciais, narrativas midiáticas e percepções sociais. A pergunta que emerge não é apenas o que fazer para mudar esse cenário, mas como desmontar os discursos e práticas que continuam autorizando a violência contra as mulheres e legitimando sua desumanização. Autoras: Rafaela Larissa, Bianca Aparecida de Lima, Alaércio Bremmer.



FAGULHA



EDIÇÃO N°16

@FAGULHA_JORNAL

18 DEZEMBRO 2025

FILOSOFINHAS/OS

“O Patinho Feio” é uma história sobre um filhote de cisne que nasceu em um ninho de patos e acaba sendo rejeitado e maltratado em função de sua aparência - ali, ele era considerado esquisito. Eventualmente, ele foge e, por todos os lugares por onde passa, sofre por não ser aceito e, por ser diferente, não é acolhido. Em certo momento, depara-se com um bando de cisnes e fica encantado com a beleza deles. Ao olhar seu reflexo no lago e perceber-se como eles, encontra seu lugar no mundo. Essa fábula nos permite trabalhar com temas como inclusão, aceitação das diferenças, autoestima, diversidade e respeito; enfim, temas relacionados a questões éticas e existenciais da filosofia. Simone de Beauvoir, por exemplo, foi uma filósofa que debateu politicamente esses temas, observando que todos nós devemos ser livres de preconceitos e rótulos. Devemos ter liberdade individual e reconhecer o outro enquanto um ser



ivre, com direitos e dignidade. Os contos infantis nos permitem aplicar a filosofia em um terreno fértil, no qual crianças e adolescentes podem questionar e explorar conceitos importantes, morais e éticos, despertando a consciência para uma vida com valores mais humanos. O patinho feio não era feio; era apenas diferente, e o problema estava em como os outros o viam, e não no que ele era de fato. A filosofia, portanto, pode aliar-se a ferramentas como os contos infantis para refletir criticamente sobre a dignidade e o valor da vida, a aceitação e o respeito às diferenças. Autoras: Cristiane Baniski, Danieli Kirschner, Helô Tomal.

FAGULHA



EDIÇÃO N°16

@FAGULHA_JORNAL

18 DEZEMBRO 2025

FILOSOFIA ILUSTRADA

Que o trenó avance
não pela magia,



AUTORES: LEVI TYLER,
THIAGO STADLER..

mas pela força
organizada das renas!